

O Sermão

O sermão constitui uma forma de oratória, da arte de falar ou de discursar em público. Com uma estrutura argumentativa, apresenta-se como um discurso sagrado sobre alguma verdade da doutrina religiosa.

Entre os gregos, a oratória teve um papel fundamental para os verdadeiros políticos que se interessavam pelo bem e pela vida dos cidadãos. Na tradição cristã, os sermões surgem como prática, como se observa nos textos do Novo Testamento. Durante a Idade Média são muitos os oradores sagrados que se notabilizam.

Em Portugal, há grandes oradores sagrados, dos quais sobressai o Padre António Vieira, para quem o sermão tem de ser não apenas pedagógico para a formação moral e espiritual, mas também um meio de intervenção na vida política e social.

O autor: Padre António Vieira

O Padre António Vieira (Lisboa, 6-2-1608 - Brasil, Colégio da Baía, 18-7-1697) foi para o Brasil com apenas seis anos, indo estudar para o Colégio dos Jesuítas na Baía. Aos quinze anos entrou para a Companhia de Jesus; formou-se noviço em 1625, passando a lecionar humanidades e retórica no Colégio de Pernambuco; ordenou-se sacerdote, em 1635, na Baía. Em 1641, acompanhando a Portugal o filho do vice-rei, tornou-se íntimo de D. João IV, que o nomeou pregador da corte, seu confessor e conselheiro. Em 1643, recebe a missão de negociar a reconquista das colónias. A partir de 1646, desempenhou numerosas missões diplomáticas e políticas em Paris, Haia, Londres e Roma. Como missionário, conseguiu o apoio do rei para a libertação dos índios, mas não foi bem aceite pelos colonos, contra os quais pregou vários sermões, como o de "Santo António aos Peixes" e o da "Sexagésima". Com a morte de D. João IV, em 1656, viu-se perseguido pela Inquisição, mas conseguiu a liberdade com a subida ao trono de D. Pedro II, passando cerca de cinco anos em Roma, sob a proteção da Rainha Cristina da Suécia. A partir de 1675 voltou a Portugal e começou a publicação dos *Sermões*.

"*Imperador da língua portuguesa*", como lhe chamou Fernando Pessoa, foi um excecional orador, um fervoroso missionário, um notável diplomata, um político convicto e brilhante prosador português. A sua obra, que é o verdadeiro "título de glória de Vieira", é constituída pelos 200 *Sermões*, mais de 500 *Cartas* e diversos ensaios de carácter social, político, cultural e literário, como "*Esperanças de Portugal*", "*Clavis Prophetarum*" e "*História do Futuro*".

Sermão de Santo António (aos Peixes), de Padre António Vieira

O *Sermão de Santo António aos Peixes*, do padre António Vieira, é uma obra-prima da literatura portuguesa que procura advertir para um conjunto de comportamentos humanos e motivar para a sua alteração.

Observando o seu tempo e sentindo-se desiludido com os homens, Vieira decide voltar-se da terra para o mar e dirigir a sua pregação aos peixes. De uma forma metafórica, diz que os Pregadores são o *sal da terra*, cujo efeito deve ser o de impedir a corrupção. No entanto, ao ver que a terra está tão corrupta, interroga-se sobre a causa desta corrupção.

Ao longo do sermão, Vieira começa por louvar as virtudes dos peixes para, de seguida, repreender, com veemência, mas também com fina ironia, os seus defeitos. Para ele, a grande qualidade dos peixes resume-se à expressão: "*Ouvem e não falam*". Além disso, foram as primeiras criaturas do mundo e são os únicos animais que não se deixam domar nem domesticar.

Na condenação dos seus vícios, o orador fala dos roncadores que, embora pequenos, são arrogantes e soberbos; refere os pegadores, que se sustentam, parasitariamente, dos grandes peixes; fala dos voadores, cuja conduta é de presunção, de vaidade e de ambição, o que os leva à autodestruição; e refere o polvo, um "*peixe aleivoso e vil*" que, debaixo da sua aparência tão modesta, é o maior traidor do mar.

O que, em síntese, sobressai de todo o *Sermão* é a censura ao comportamento dos homens, nomeadamente nas terras de missão onde observa "*falsidades, enganos, fingimentos, embustes, ciladas, e muito maiores e mais perniciosas traições*"...

Razões para o título:

- homenagear Santo António (por ter sido pregado no dia de Santo António);
- aproveitar o exemplo do sermão pregado aos peixes por Santo António;
- tal como Santo António tentou converter os hereges (para que conseguissem expulsar os demónios de dentro de si), também o Padre António Vieira tenta convencer os colonos portugueses no Brasil a mudar o seu comportamento.

Objetivos a atingir com o sermão:

- agitar as consciências;
- conduzir à reflexão;
- evitar o mal;
- preservar o bem.

Sermão de Santo António aos Peixes

Peça oratória de Padre António Vieira, proferida três dias antes de o jesuíta partir para Lisboa, na cidade de São Luís do Maranhão (Brasil), em 1654, na sequência dos litígios entre jesuítas e colonos do Brasil, por causa da escravização dos índios.

5 Construindo o sermão sob a forma de alegoria, Vieira faz considerações sobre virtudes e vícios humanos. Esta oratória apresenta uma construção literária e argumentativa notáveis. Fina ironia e forte sátira percorrem o texto assim como uma exuberante linguagem barroca, rica de sugestões alegóricas e de recursos estilísticos.

10 As partes constituintes do sermão são o exórdio, a invocação, a exposição ou informação, a confirmação e a peroração. No exórdio, P^o. António Vieira parte do conceito predicável “*Vós sois o sal da terra*”. E, tal como Santo António, também ele dirige a sua palavra aos peixes, dado que não é ouvido pelos homens. Segue-se a invocação à Virgem Maria.

15 Durante a exposição ou informação, P^o. António Vieira explica as propriedades do sal e, por paralelismo, a importância das pregações para salvar os homens. Louva depois as virtudes dos peixes e repreende, em seguida, os seus vícios.

20 Na confirmação, apresenta as qualidades dos peixes: o santo peixe de Tobias tem o dom de sarar da cegueira e repelir os demónios; a rémora tem força e poder; o torpedo possui a faculdade de eletrizar; o quatro-olhos tem a capacidade de vigiar.

25 Na segunda parte da confirmação, P^o. António Vieira indica, primeiramente, numa visão de conjunto, os defeitos dos peixes. Em seguida, particulariza a crítica: os roncadores são convencidos e soberbos; os pegadores, parasitas e oportunistas; os voadores, ambiciosos e presunçosos; o polvo, hipócrita e traidor, contrapondo-se a Santo António, modelo de candura, sinceridade e verdade.

30 Na peroração ou epílogo, o pregador faz uma última advertência aos peixes. Exorta-os a sacrificarem a Deus o respeito e a reverência.

Antes de terminar o sermão, com um admirável hino de louvor, P^o. António Vieira confessa-se pecador, em oposição aos peixes.

Sermão de Santo António aos Peixes. In *Infopédia* [Em linha].
Porto: Porto Editora, 2003-2013. [Consult. 2013-11-03]

As partes do *Sermão de Santo António aos Peixes*

O *Sermão de Santo António aos Peixes* obedece à macroestrutura do sermão seiscentista, como se pode visualizar no quadro apresentado:

	Capítulos do Sermão	Conteúdo temático
Exórdio (exposição do plano a desenvolver e das ideias a defender)	Capítulo I	• Conceito predicável – “<i>Vos estis sal terrae</i>” (“<i>Vós sois o sal da terra</i>”) • Exploração do tema a partir da metáfora do sal – (“<i>Santo António foi...</i>”) • Elogio a Santo António como modelo a seguir • Invocação à Virgem Maria no final do capítulo – “<i>Ave-Maria</i>” Nota: Embora não fosse obrigatório, os sermões podiam conter também uma invocação (pedido de auxílio divino).
Exposição e Confirmação (desenvolvimento da argumentação “ <i>para que procedamos com clareza, dividirei, peixes, o vosso sermão em dois pontos: no primeiro louvar-vos-ei as vossas atitudes, no segundo repreender-vos-ei os vossos vícios.</i> ”)	Capítulo II (Exposição)	• Louvores aos peixes em geral
	Capítulo III (Confirmação)	• Louvores aos peixes em particular: – peixe de Tobias – rémora – torpedo – quatro-olhos
	Capítulo IV (Exposição)	• Repreensões aos peixes em geral: – denúncia de casos de antropofagia social
	Capítulo V (Confirmação)	• Repreensões aos peixes em particular: – roncadores – pegadores – voadores – polvo
Peroração (utilização de um desfecho forte para impressionar o auditório) – conclusão com uma última advertência aos peixes; retrato dele próprio como pecador; hino de louvor.	Capítulo VI (“ <i>Com esta última advertência vos despido, ou me despido de vós, meus peixes. E para que vades consolados do sermão, que não sei quando ouvireis outro, quero-vos aliviar de uma desconsolação mui antiga, com que todos ficastes desde o tempo em que se publicou o Levítico.</i> ”)	• Apelo aos ouvintes numa última advertência aos peixes (cf. “<i>Peixes, dai muitas graças a Deus de vos livrar deste perigo [...]</i>”) • Retrato dele próprio como pecador • Hino de Louvor a Deus (cf. repetição anafórica “<i>Louvai a Deus</i>”)

O *Sermão de Santo António aos Peixes*, de Padre António Vieira, é um discurso longo, tendo sido criado com a finalidade de ser pregado. Não sendo fácil manter um auditório atento durante muito tempo, compreende-se a necessidade de recorrer a um conjunto de artifícios que, valendo-se do uso de variações de intensidade e inflexão da voz, asseguram, na perfeição, a verificação permanente de que a assistência está em condições de continuar a ouvir atentamente o sermão.

Neste sermão, Padre António Vieira, através da identificação das virtudes e dos defeitos dos peixes, aproveita para dar lições aos homens. O pregador destaca o vício que mais o escandaliza nos peixes: o facto de os peixes se comerem uns aos outros, o que é agravado pelo facto de serem os peixes grandes a comerem os pequenos. Recorrendo à metáfora, Vieira denuncia a traição, o roubo, a exploração, todas as ações criminosas cometidas pelos colonos do Brasil. Ou seja: tanto os peixes como os homens não se devem aproveitar dos mais fracos, das suas desgraças e misérias, sob pena de serem amaldiçoados.

Capítulo I

Exórdio – exposição do plano a desenvolver e das ideias a defender a partir do conceito predicável “*Vós sois o sal da terra*”.

Conceito predicável – “*Vos estis sal terræ*” (Vós sois o sal da terra)

Chama-se “conceito predicável” ao texto bíblico que serve de tema e que irá ser desenvolvido de acordo com a intenção e objetivo do autor; assenta em “figuras” ou alegorias através das quais se pretende alcançar uma demonstração de fé, ou verdades morais, ou até juízos proféticos. O texto bíblico torna-se pretexto para construções mentais, jogos de conceitos e de palavras, destacando o virtuosismo do orador, de acordo, aliás, com a estética barroca.

“*Vós sois o sal da terra*” é o **conceito predicável**, isto é, a pequena frase retirada do Evangelho de S. Mateus, que servirá de tema / tese ao *Sermão* e, a partir da qual Vieira irá desenvolver a sua **argumentação** (início do **exórdio**): os pregadores são o sal, a terra os homens.

Jogo metafórico e alegórico

O sal – metáfora dos pregadores

A terra – metáfora dos ouvintes

Os ouvintes da pregação são como a terra. Se a semente não produz, ou seja, se os ouvintes não querem ouvir a palavra de Deus, o que se faz? O orador diz que “*este ponto não resolveu Cristo Senhor nosso no Evangelho*”.

O sal impede que os alimentos se estraguem.

Os pregadores impedem a corrupção.

O sal que salga → evita a corrupção¹

O sal que não salga → é inútil e desprezado

O pregador é como o sal. → Se a palavra não chega aos ouvintes ou não produz os seus frutos é porque alguma coisa está mal.

Então se a terra está corrupta / “estragada” – de quem é a culpa?

Pode ser atribuída a duas causas:

o pregador não prega em condições a palavra de Deus

ou a terra não “ouve” a palavra do pregador.

Expansão / amplificação do argumento:

Os pregadores não “salgam” porque:

- não pregam a verdadeira doutrina;
ou
- dizem uma coisa e fazem outra;
ou
- se pregam a si e não a Cristo.

A terra não se deixa “salgar” porque:

- os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, não a querem receber;
ou
- os ouvintes querem antes imitar o que os pregadores fazem, do que fazer o que dizem;
ou
- os ouvintes, em vez de servirem a Cristo, servem a seus apetites.

1. Recorde-se que o sal, para além de servir de tempero, é utilizado para conservar os alimentos (cf. *Salgar*: temperar com sal, conservar em sal; *Salgadeira*: vaso, como selha ou masseira, onde se salgam e conservam as carnes salgadas em salmoira; *Salmoira* ou *Salmoura*: conservação da carne, peixe ou frutos em sal).

Veja-se que, para atingir os seus objetivos, o orador se serviu:

- da construção anafórica e paralelística: “ou é porque” / “ou é porque”
- dos conectores disjuntivo e causal: “ou... ou”; “porque”;
- da antítese que se gera a partir do desdobramento das hipóteses: os pregadores não pregam / os ouvintes não “ouvem”.

› **A solução de Santo António:** “Mudou somente o púlpito e o auditório, mas não desistiu da doutrina. Deixa as praças, vai-se às praias; deixa a terra, vai-se ao mar”.

› **A solução do orador:** imitar Santo António.

O capítulo I termina com um pedido de auxílio divino, que pode ser entendido como **invocação**:

“Maria, quer dizer, Domina maris: “Senhora do mar”; e posto que o assunto seja tão desusado, espero que me não falte com a costumada graça. Ave Maria.” (cap. I)

Capítulo II – LOUVORES EM GERAL

Exposição – referência às obrigações do sal; indicação das virtudes dos peixes em geral; crítica aos homens.

- › As duas qualidades de ouvinte: **ouvir e não falar**.
- › Retoma o conceito predicável – “Vos estis sal terræ”: As duas propriedades do sal – “conservar o são e preservá-lo para que se não corrompa.”

- As propriedades das pregações de Santo António:

1. Louvar o bem (“para o conservar”)

2. Repreender o mal (“para preservar dele”)

- Sermão aos Peixes (e, obviamente, aos homens) será, pois, dividido em dois pontos:

1. Louvar as qualidades

2. Repreender os vícios

(A ironia: “E desta maneira satisfaremos às obrigações do sal, que melhor vos está ouvi-las vivos, que experimentar-las depois de mortos.”)

As qualidades e as virtudes dos peixes:

- a obediência;
- “ordem, quietação e atenção” com que ouviram as palavras de Santo António;
- respeito e devoção ao ouvirem a palavra de Deus;
- seu “retiro” e afastamento relativamente aos homens (de novo o aplauso ao comportamento dos peixes e a ironia em relação aos homens: “Peixes! Quanto mais longe dos homens, tanto melhor; trato e familiaridade com eles, Deus vos livre!”);
- “só eles entre todos os animais se não domam nem domesticam”.

No **contraste** estabelecido entre **os peixes e os outros animais**, convém realçar a enumeração, a variedade verbal, a riqueza e a propriedade vocabular e a vivacidade da descrição:

Cante-lhe aos homens,	o rouxinol,	mas na sua gaiola;
diga-lhe ditos,	o papagaio,	mas na sua cadeia;
vá com eles à caça,	o açor,	mas nas suas piozes;
faça-lhe bufonarias,	o bugio,	mas no seu cepo;
contente-se de lhe roer um osso,	o cão,	mas levado onde não quer pela trela;
preze-se de lhe chamarem formoso ou fidalgo,	o boi,	mas com o jugo sobre a cerviz, puxando pelo arado e pelo carro;
glorie-se de mastigar freios dourados,	o cavalo,	mas debaixo da vara e da espora;
e se comem a ração da carne que não caçaram nos bosques,	os tigres e os leões,	sejam presos e encerrados com grades de ferro.

“E entretanto vós, peixes, longe dos homens e fora dessas cortesarias, vivereis só convosco, sim, mas como peixe na água.”

Santo António, para se aproximar de Deus, afastou-se dos homens (merecem destaque as repetições, as construções paralelísticas, os jogos de palavras e as antíteses que encerram este capítulo II):

- “que quanto mais buscava a Deus, tanto mais fugia dos homens”;
- “ocultando sua grande sabedoria debaixo da opinião de idiota”;
- “tanto mais unido com Deus, quanto mais apartado dos homens”.

Capítulo III – LOUVORES EM PARTICULAR

Confirmação – os louvores a alguns peixes em particular; a crítica aos homens.

Na confirmação, o pregador louva os peixes em particular, nomeadamente:

O peixe de Tobias	cujas entranhas têm a virtude de curar a cegueira dos homens.
A rémora	que, apesar do seu pequeno corpo, possui a força de impedir uma nau de seguir o seu caminho.
O torpedo	que produz descargas elétricas, que fazem tremer o braço do pescador que o tenta capturar.
O quatro-olhos	que tem a capacidade de se defender dos outros peixes e das aves.

O peixe de Tobias

› O peixe de Tobias e as virtudes das suas entranhas:

- o fel: para curar a cegueira;
- o coração: para “lançar fora os demónios”.

› Vestido de burel e atado com uma corda “este peixe [...] parecia um retrato marítimo de Santo António”.

Simbologia:

- Santo António “abria a boca contra os hereges”.
- Procurava alumiar e curar a cegueira dos homens.
- Tentava lançar os demónios fora de casa, limpando a alma dos homens.

A rémora

› Peixe marinho cuja cabeça funciona como ventosa, o que lhe permite fixar-se a peixes maiores ou a embarcações:

“a virtude daquele peixezinho tão pequeno no corpo e tão grande na força e no poder, que, não sendo maior de um palmo, se se pega ao leme de uma nau da Índia, apesar das velas e dos ventos, e de seu próprio peso e grandeza, a prende e amarra mais que as mesmas âncoras, sem se poder mover, nem ir por diante?”

Simbologia:

“Oh se houvera uma rémora na terra, que tivesse tanta força como a do mar, que menos perigos haveria na vida, e que menos naufrágios no mundo!”

- “Se alguma rémora houve na terra, foi a língua de Santo António”:
 - pegada ao leme da nau (procurando conduzir ao bom caminho);
 - agarrada ao freio do cavalo (travando o mal);
- Santo António segurou os soberbos, os vingativos, os cobiçosos, os sensuais.

O torpedo

› Peixe, parecido com a raia, capaz de produzir pequenas descargas elétricas (tremelga, treme-treme):

“Está o pescador com a cana na mão, o anzol no fundo e a boia sobre a água, e em lhe picando na isca o torpedo, começa a lhe tremer o braço. Pode haver maior, mais breve e mais admirável efeito? De maneira que, num momento, passa a virtude do peixezinho, da boca ao anzol, do anzol à linha, da linha à cana e da cana ao braço do pescador.”

No momento em que está a ser pescado, o torpedo consegue defender-se, utilizando pequenas descargas elétricas que fazem tremer o braço do pescador, obrigando-o a largar a cana.

O pregador louva este peixe, com o objetivo evidente de estabelecer uma analogia entre as suas qualidades e o facto de os homens, na terra, extorquirem o que não lhes pertence e não recearem as consequências dos seus atos, isto é, o castigo divino. Se tivessem alguém que lhes fizesse tremer a mão, a sua atitude seria diferente.

Simbologia:

“Com muita razão disse, que este vosso louvor o havia de referir com inveja. Quem dera aos pescadores do nosso elemento, ou quem lhe pusera esta qualidade tremente, em tudo o que pescam na terra!”

- As palavras de Santo António transformaram vinte e dois homens desonestos que tomaram consciência dos seus pecados, se arrependeram, confessaram, devolveram o que não lhes pertencia, mudando de vida e convertendo-se. Por isso, o orador enaltece a eficácia de Santo António; no entanto, assim como há pescadores que não sentem as descargas elétricas da tremelga, também há homens que ouvem a verdade e continuam o seu caminho errado, indiferentes à palavra do pregador.
- Realça a importância que esses peixes poderiam desempenhar para fazer tremer o braço daqueles que se desviam do caminho certo...

O quatro-olhos

› Peixe que tem:

- dois olhos “para se vigiarem das aves” (dos inimigos do ar);
- dois olhos “para se vigiarem dos peixes” (dos inimigos do mar).

“como têm inimigos no mar e inimigos no ar, dobrou-lhes a natureza as sentinelas e deu-lhes dois olhos, que diretamente olhassem para cima, para se vigiarem das aves, e outros dois que diretamente olhassem para baixo, para se vigiarem dos peixes.”

Simbologia:

“Oh que bem informaram estes quatro olhos uma alma racional, e que bem empregada fora neles, melhor que em muitos homens! Esta é a pregação que me fez aquele peixezinho, ensinando-me que, se tenho fé e uso de razão, só devo olhar diretamente para cima, e só diretamente para baixo: para cima, considerando que há Céu, e para baixo, lembrando-me que há Inferno.”

- Devemos olhar sempre “diretamente”, ou só para cima ou só para baixo:
 - só para cima “considerando que há Céu”;
 - só para baixo “considerando que há Inferno”;
- Certamente, os dois pares de olhos seriam muito mais necessários aos homens...

Outros peixes:

“ajudais a ir ao Céu e não ao Inferno, os que se sustentam de vós.”

- Servem de alimento:
 - as sardinhas – sustento dos pobres;
 - os solhos e salmões – sustento dos ricos;
- Ajudam à abstinência² nas quaresmas (ao jejum);
- Sustentam as Cartuxas³, os Buçacos⁴ e as santas famílias;
- Com peixes, Cristo festejou a Páscoa;
- Ajudam a ir ao Céu;
- Multiplicam-se rapidamente (aqueles que são consumidos pelos pobres).

2. A sexta-feira e o sábado eram os dias de abstinência.

3. Pertencentes à Ordem Religiosa da Cartuxa, fundada em 1084, por S. Bruno, na Cartuxa (França); em Portugal, a primeira filial é instalada em Évora, em 1587.

4. Ordens Religiosas que devem o seu nome ao facto de se terem instalado nas matas do Buçaco.

Capítulo IV – REPREENSÕES EM GERAL

Exposição – indicação das repreensões aos peixes em geral; crítica aos homens.

“Antes, porém, que vos vades, assim como ouvistes os vossos louvores, ouvi também agora as vossas repreensões.”

- Os peixes, assim como ouviram as suas qualidades (ouvem e não falam), irão agora ouvir as repreensões:
 1. Não só se comem uns aos outros como os grandes comem os pequenos.
 2. Ignorância e cegueira.
- Crítica e repreensão aos peixes para melhor explicitar a condenação dos homens.
- Aspectos criticados: a “antropofagia social”; a “ vaidade no vestuário”.

1. Não só se comem uns aos outros como os grandes comem os pequenos

- A crítica à prepotência dos grandes que *“se alimentam”* do sacrifício dos mais pequenos, tal como os peixes.
- As repreensões que são dirigidas aos peixes:
 - *“vos comeis uns aos outros”;*
 - *“que os grandes comem os pequenos”.*
- Os homens – também *“se comem uns aos outros”.*
- A aproximação do orador com Santo António.
- O que é condenável nos homens:
 - *“tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer”;*
 - *“Comem-no os herdeiros”, os testamenteiros, os legatários, os acredores; os oficiais dos órfãos, e os dos defuntos e ausentes; o médico (...);*
 - *“enfim, ainda o pobre defunto o não comeu a terra, e já o tem comido toda a terra”.*
- **Momentos essenciais:**
 - 1.ª parte – crítica e repreensão aos peixes grandes que comem os pequenos;
 - 2.ª parte – o escândalo: afinal os homens também se comem uns aos outros (*“Morreu algum deles, vereis logo tantos sobre o miserável a despedaçá-lo e comê-lo. Comem-no os herdeiros...”*);
 - 3.ª parte – o escândalo, o horror e a crueldade maior: *“também os homens se comem vivos assim como vós”.*

2. Ignorância e cegueira

- Caracterização do homem da cidade: prepotente, vaidoso, parasita, ambicioso, hipócrita, traidor...
- As virtudes e os defeitos dos peixes surgem sempre associados, por comparação, aos homens do Maranhão:
 - ora por antítese (por contraste), opondo os peixes aos homens;
 - ora por semelhança, identificando os peixes com os homens.

O peixe	O peixe é facilmente enganado (pela ignorância e pela cegueira) por um anzol e <i>“um pedaço de pano cortado e aberto em duas ou três pontas”</i> porque <i>“arremete cego a ele e fica preso e boqueando, até que, assim suspenso no ar, ou lançado no convés, acaba de morrer”;</i> <i>“quanto me lastima em muitos de vós é aquela tão notável ignorância e cegueira”</i> (ignorância – porque não entende o significado do pano; cegueira – porque se atira cegamente e fica preso).
O Homem	<i>“Um homem do mar com uns retalhos de pano”;</i> <i>“quatro panos e quatro sedas”;</i> <i>“cada vez lhes sobe mais o preço”;</i> (...) E os homens <i>“bonitos, ou os que o querem parecer”</i> não conseguem resistir à tentação e à vaidade, ficando, por isso, <i>“engasgados e presos, com dívidas de um ano para outro ano, e de uma safra para outra safra, e lá vai a vida”.</i> Ou seja, os homens endividam-se por causa de um <i>“triste farrapo com que saem à rua, e para isso se matam todo o ano”.</i>
Santo António	Os homens (pela vaidade) e os peixes (pela ignorância e pela cegueira) eram facilmente enganados e <i>“perdiam a sua vida”.</i> Santo António abandonou as vaidades e, com as suas roupas simples e as suas palavras, <i>“pescou muitos homens”</i> para o bom caminho.

- A imaginação barroca procura a alegoria para o desenvolvimento das ideias e para estabelecer a passagem entre a razão e a realidade, o mundo humano e o divino, o material e o espiritual.

Capítulo V – REPREENSÕES EM PARTICULAR

Confirmação – repreensões a alguns peixes em particular; crítica aos comportamentos dos homens ambiciosos, vaidosos, hipócritas e traidores.

A crítica aos peixes (e aos homens) prossegue, descendo agora ao particular.

Os vícios:

- Do Roncador⁵ (os soberbos e os arrogantes que fazem muito barulho – autopromovem-se – mas valem pouco)
- Do Pegador⁶ (os parasitas, que vivem à custa dos seus hospedeiros – quando morre o tubarão, também os pegadores morrem...)
- Do Voador⁷ (os ambiciosos, os presunçosos, os caprichosos, que se querem transformar naquilo que não são...)
- A alegoria do POLVO: a propriedade de linguagem; o encadeamento das ideias; os recursos estilísticos para realçar as ideias (adjetivação rica e expressiva, por vezes antitética; as interrogações retóricas, as apóstrofes e as exclamações; as comparações por contraste; o paralelismo anafórico...).

As comparações sugeridas pela aparência do polvo:

- “com aquele seu capelo⁸ na cabeça, parece um Monge” (serenidade, santidade, mansidão);
- “com aqueles seus raios estendidos⁹, parece uma estrela” (beleza);
- “com aquele não ter osso nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão”.

Verifica-se, no entanto que, apesar desta “aparência tão modesta, ou desta hipocrisia tão santa”, o polvo é o maior traidor do mar. Em que consiste esta traição do polvo?

› Como consegue dissimular-se no fundo do mar, engana os outros peixes, caçando-os mais facilmente:

- “As cores, que no camaleão são gala, no polvo são malícia”;
- “as figuras, que em Proteu¹⁰ são fábula, no polvo são verdade e artifício”.
- O polvo veste-se ou pinta-se “das mesmas cores de todas aquelas cores a que está pegado”.

5. Peixe da costa de Portugal, espécie de corvina, que parece grunhir como um porco.

6. Peixes também conhecidos pelo nome de rémora, agarrador ou peixe-piolho.

7. “Designativo de um peixe cujas barbatanas peitorais formam uma espécie de asas, que lhe permite saltar para a água.

8. capuz (notar a semelhança com o hábito de alguns monges).

9. Os tentáculos.

10. Deus marinho da mitologia grega (tinha o poder de se transformar para escapar aos perseguidores).

Capítulo VI

Peroração – utilização de um desfecho forte para impressionar o auditório.

Conclusão com uma última advertência aos peixes; retrato dele próprio como pecador; hino de louvor.

- A exclusão dos peixes dos sacrifícios consagrados a Deus (e a comparação peixes / outros animais):
As razões (e o motivo da “grande desconsolação”) – “os outros animais podiam ir vivos ao sacrifício, e os peixes geralmente não, senão mortos; e coisa morta não quer Deus que se lhe ofereça, nem chegue aos seus altares”;
– lado positivo da questão – “melhor é não chegar ao sacrifício, que chegar morto”;
– o que os peixes podem oferecer a Deus (quando comparados com os outros animais):

Os outros animais	Os peixes
“ofereçam a Deus o ser sacrificados”	“oferecei-lhe o não chegar ao sacrifício”
“sacrifiquem a Deus o sangue e a vida”	“vós sacrificai-lhe o respeito e a reverência”

Capítulo V – REPREENSÕES EM PARTICULAR

Confirmação – repreensões a alguns peixes em particular; crítica aos comportamentos dos homens ambiciosos, vaidosos, hipócritas e traidores.

A crítica aos peixes (e aos homens) prossegue, descendo agora ao particular.

Os vícios:

- Do Roncador⁵ (os soberbos e os arrogantes que fazem muito barulho – autopromovem-se – mas valem pouco)
- Do Pegador⁶ (os parasitas, que vivem à custa dos seus hospedeiros – quando morre o tubarão, também os pegadores morrem...)
- Do Voador⁷ (os ambiciosos, os presunçosos, os caprichosos, que se querem transformar naquilo que não são...)
- A alegoria do POLVO: a propriedade de linguagem; o encadeamento das ideias; os recursos estilísticos para realçar as ideias (adjetivação rica e expressiva, por vezes antitética; as interrogações retóricas, as apóstrofes e as exclamações; as comparações por contraste; o paralelismo anafórico...).

As comparações sugeridas pela aparência do polvo:

- “com aquele seu capelo⁸ na cabeça, parece um Monge” (serenidade, santidade, mansidão);
- “com aqueles seus raios estendidos⁹, parece uma estrela” (beleza);
- “com aquele não ter osso nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão”.

Verifica-se, no entanto que, apesar desta “aparência tão modesta, ou desta hipocrisia tão santa”, o polvo é o maior traidor do mar. Em que consiste esta traição do polvo?

› Como consegue dissimular-se no fundo do mar, engana os outros peixes, caçando-os mais facilmente:

- “As cores, que no camaleão são gala, no polvo são malícia”;
- “as figuras, que em Proteu¹⁰ são fábula, no polvo são verdade e artifício”.
- O polvo veste-se ou pinta-se “das mesmas cores de todas aquelas cores a que está pegado”.

5. Peixe da costa de Portugal, espécie de corvina, que parece grunhir como um porco.

6. Peixes também conhecidos pelo nome de rémora, agarrador ou peixe-piolho.

7. “Designativo de um peixe cujas barbatanas peitorais formam uma espécie de asas, que lhe permite saltar para a água.

8. capuz (notar a semelhança com o hábito de alguns monges).

9. Os tentáculos.

10. Deus marinho da mitologia grega (tinha o poder de se transformar para escapar aos perseguidores).

Capítulo VI

Peroração – utilização de um desfecho forte para impressionar o auditório.

Conclusão com uma última advertência aos peixes; retrato dele próprio como pecador; hino de louvor.

- A exclusão dos peixes dos sacrifícios consagrados a Deus (e a comparação peixes / outros animais):
As razões (e o motivo da “grande desconsolação”) – “os outros animais podiam ir vivos ao sacrifício, e os peixes geralmente não, senão mortos; e coisa morta não quer Deus que se lhe ofereça, nem chegue aos seus altares”;
– lado positivo da questão – “melhor é não chegar ao sacrifício, que chegar morto”;
– o que os peixes podem oferecer a Deus (quando comparados com os outros animais):

Os outros animais	Os peixes
“ofereçam a Deus o ser sacrificados”	“oferecei-lhe o não chegar ao sacrifício”
“sacrifiquem a Deus o sangue e a vida”	“vós sacrificai-lhe o respeito e a reverência”

O Sermão

O sermão constitui uma forma de oratória, da arte de falar ou de discursar em público. Com uma estrutura argumentativa, apresenta-se como um discurso sagrado sobre alguma verdade da doutrina religiosa.

Entre os gregos, a oratória teve um papel fundamental para os verdadeiros políticos que se interessavam pelo bem e pela vida dos cidadãos. Na tradição cristã, os sermões surgem como prática, como se observa nos textos do Novo Testamento. Durante a Idade Média são muitos os oradores sagrados que se notabilizam.

Em Portugal, há grandes oradores sagrados, dos quais sobressai o Padre António Vieira, para quem o sermão tem de ser não apenas pedagógico para a formação moral e espiritual, mas também um meio de intervenção na vida política e social.

O autor: Padre António Vieira

O Padre António Vieira (Lisboa, 6-2-1608 - Brasil, Colégio da Baía, 18-7-1697) foi para o Brasil com apenas seis anos, indo estudar para o Colégio dos Jesuítas na Baía. Aos quinze anos entrou para a Companhia de Jesus; formou-se noviço em 1625, passando a lecionar humanidades e retórica no Colégio de Pernambuco; ordenou-se sacerdote, em 1635, na Baía. Em 1641, acompanhando a Portugal o filho do vice-rei, tornou-se íntimo de D. João IV, que o nomeou pregador da corte, seu confessor e conselheiro. Em 1643, recebe a missão de negociar a reconquista das colónias. A partir de 1646, desempenhou numerosas missões diplomáticas e políticas em Paris, Haia, Londres e Roma. Como missionário, conseguiu o apoio do rei para a libertação dos índios, mas não foi bem aceite pelos colonos, contra os quais pregou vários sermões, como o de "Santo António aos Peixes" e o da "Sexagésima". Com a morte de D. João IV, em 1656, viu-se perseguido pela Inquisição, mas conseguiu a liberdade com a subida ao trono de D. Pedro II, passando cerca de cinco anos em Roma, sob a proteção da Rainha Cristina da Suécia. A partir de 1675 voltou a Portugal e começou a publicação dos *Sermões*.

"Imperador da língua portuguesa", como lhe chamou Fernando Pessoa, foi um excecional orador, um fervoroso missionário, um notável diplomata, um político convicto e brilhante prosador português. A sua obra, que é o verdadeiro "título de glória de Vieira", é constituída pelos 200 *Sermões*, mais de 500 *Cartas* e diversos ensaios de carácter social, político, cultural e literário, como "*Esperanças de Portugal*", "*Clavis Prophetarum*" e "*História do Futuro*".

Sermão de Santo António (aos Peixes), de Padre António Vieira

O *Sermão de Santo António aos Peixes*, do padre António Vieira, é uma obra-prima da literatura portuguesa que procura advertir para um conjunto de comportamentos humanos e motivar para a sua alteração.

Observando o seu tempo e sentindo-se desiludido com os homens, Vieira decide voltar-se da terra para o mar e dirigir a sua pregação aos peixes. De uma forma metafórica, diz que os Pregadores são o *sal da terra*, cujo efeito deve ser o de impedir a corrupção. No entanto, ao ver que a terra está tão corrupta, interroga-se sobre a causa desta corrupção.

Ao longo do sermão, Vieira começa por louvar as virtudes dos peixes para, de seguida, repreender, com veemência, mas também com fina ironia, os seus defeitos. Para ele, a grande qualidade dos peixes resume-se à expressão: "*Ouvem e não falam*". Além disso, foram as primeiras criaturas do mundo e são os únicos animais que não se deixam domar nem domesticar.

Na condenação dos seus vícios, o orador fala dos roncadores que, embora pequenos, são arrogantes e soberbos; refere os pegadores, que se sustentam, parasitariamente, dos grandes peixes; fala dos voadores, cuja conduta é de presunção, de vaidade e de ambição, o que os leva à autodestruição; e refere o polvo, um "*peixe aleivoso e vil*" que, debaixo da sua aparência tão modesta, é o maior traidor do mar.

O que, em síntese, sobressai de todo o *Sermão* é a censura ao comportamento dos homens, nomeadamente nas terras de missão onde observa "*falsidades, enganos, fingimentos, embustes, ciladas, e muito maiores e mais perniciosas traições*".

O Sermão

O sermão constitui uma forma de oratória, da arte de falar ou de discursar em público. Com uma estrutura argumentativa, apresenta-se como um discurso sagrado sobre alguma verdade da doutrina religiosa.

Entre os gregos, a oratória teve um papel fundamental para os verdadeiros políticos que se interessavam pelo bem e pela vida dos cidadãos. Na tradição cristã, os sermões surgem como prática, como se observa nos textos do Novo Testamento. Durante a Idade Média são muitos os oradores sagrados que se notabilizam.

Em Portugal, há grandes oradores sagrados, dos quais sobressai o Padre António Vieira, para quem o sermão tem de ser não apenas pedagógico para a formação moral e espiritual, mas também um meio de intervenção na vida política e social.

O autor: Padre António Vieira

O Padre António Vieira (Lisboa, 6-2-1608 - Brasil, Colégio da Baía, 18-7-1697) foi para o Brasil com apenas seis anos, indo estudar para o Colégio dos Jesuítas na Baía. Aos quinze anos entrou para a Companhia de Jesus; formou-se noviço em 1625, passando a lecionar humanidades e retórica no Colégio de Pernambuco; ordenou-se sacerdote, em 1635, na Baía. Em 1641, acompanhando a Portugal o filho do vice-rei, tornou-se íntimo de D. João IV, que o nomeou pregador da corte, seu confessor e conselheiro. Em 1643, recebe a missão de negociar a reconquista das colónias. A partir de 1646, desempenhou numerosas missões diplomáticas e políticas em Paris, Haia, Londres e Roma. Como missionário, conseguiu o apoio do rei para a libertação dos índios, mas não foi bem aceite pelos colonos, contra os quais pregou vários sermões, como o de "Santo António aos Peixes" e o da "Sexagésima". Com a morte de D. João IV, em 1656, viu-se perseguido pela Inquisição, mas conseguiu a liberdade com a subida ao trono de D. Pedro II, passando cerca de cinco anos em Roma, sob a proteção da Rainha Cristina da Suécia. A partir de 1675 voltou a Portugal e começou a publicação dos *Sermões*.

"Imperador da língua portuguesa", como lhe chamou Fernando Pessoa, foi um excecional orador, um fervoroso missionário, um notável diplomata, um político convicto e brilhante prosador português. A sua obra, que é o verdadeiro "título de glória de Vieira", é constituída pelos 200 *Sermões*, mais de 500 *Cartas* e diversos ensaios de carácter social, político, cultural e literário, como "*Esperanças de Portugal*", "*Clavis Prophetarum*" e "*História do Futuro*".

Sermão de Santo António (aos Peixes), de Padre António Vieira

O *Sermão de Santo António aos Peixes*, do padre António Vieira, é uma obra-prima da literatura portuguesa que procura advertir para um conjunto de comportamentos humanos e motivar para a sua alteração.

Observando o seu tempo e sentindo-se desiludido com os homens, Vieira decide voltar-se da terra para o mar e dirigir a sua pregação aos peixes. De uma forma metafórica, diz que os Pregadores são o *sal da terra*, cujo efeito deve ser o de impedir a corrupção. No entanto, ao ver que a terra está tão corrupta, interroga-se sobre a causa desta corrupção.

Ao longo do sermão, Vieira começa por louvar as virtudes dos peixes para, de seguida, repreender, com veemência, mas também com fina ironia, os seus defeitos. Para ele, a grande qualidade dos peixes resume-se à expressão: "*Ouvem e não falam*". Além disso, foram as primeiras criaturas do mundo e são os únicos animais que não se deixam domar nem domesticar.

Na condenação dos seus vícios, o orador fala dos roncadores que, embora pequenos, são arrogantes e soberbos; refere os pegadores, que se sustentam, parasitariamente, dos grandes peixes; fala dos voadores, cuja conduta é de presunção, de vaidade e de ambição, o que os leva à autodestruição; e refere o polvo, um "*peixe aleivoso e vil*" que, debaixo da sua aparência tão modesta, é o maior traidor do mar.

O que, em síntese, sobressai de todo o *Sermão* é a censura ao comportamento dos homens, nomeadamente nas terras de missão onde observa "*falsidades, enganos, fingimentos, embustes, ciladas, e muito maiores e mais perniciosas traições*"...